

Uma aposta pessimista

Vicente Nunes
Correspondente

Nova York — A crescente fragilidade da economia mundial levou o governo brasileiro a rever, pela terceira vez neste ano, a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Segundo informou ontem o ministro da Fazenda, Pedro Malan, a economia brasileira vai se expandir, no máximo, 2,2% em 2001. Até então, o governo trabalhava com um aumento de 2,8% para o PIB. No início do ano, o Banco Central chegou a prever expansão econômica de 4,5%. "As três principais economias do mundo, Estados Unidos, Japão e Europa, caminham num ritmo muito lento, afetando o cenário mundial", disse Malan. Segundo ele, o ritmo de crescimento do Brasil foi freado pela crise energética e pelas turbulências na Argentina. Para 2002, o ministro, que abriu ontem o pregão da Bolsa de Valores Nova York ao lado do presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Francisco Gros, e de empresários brasileiros, projetou um aumento de 3,5% no PIB.

Mas os números apresentados por Malan foram considerados otimistas pelos empresários que participaram do *Brazil's Day* (Dia do Brasil) na Bolsa de Nova York.

O presidente do Conselho de Administração da Sadia, Luiz Fernando Furlan, afirmou que a empresa trabalha com crescimento zero para o segundo semestre do ano. Ou seja, levando-se o resultado acumulado nos primeiros seis meses, de cerca de 2,5%, o PIB terá que aumentar pelo menos um ponto percentual entre julho e dezembro para chegar aos 2,2% projetados pelo ministro. "Eu trabalho com um resultado pior para o PIB deste ano, pois, na minha avaliação, todo o crescimento da economia em 2001 se concentrou nos primeiros quatro meses do ano", explicou Furlan.

CRESER, EIS A QUESTÃO

Para a presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CNS), Maria Sílvia Bastos Marques, a nova estimativa do governo de crescimento de 2,2% neste ano só será factível diante de uma boa recuperação da economia brasileira no último trimestre do ano. Caso, no entanto, seja mantido o comportamento do PIB verificado entre julho e setembro, de queda, talvez o governo ainda tenha que rever, mais uma vez para baixo, o desempenho da economia em 2001. "Vamos torcer para que isso não aconteça", disse a executiva. Segundo ela, o setor de aço é um dos termômetros para se medir o potencial de recuperação da economia. E o que está se vendendo é uma retração no mercado interno, sobretudo na venda de aço para os fabricantes de eletrodomésticos da linha branca, como geladeiras e

máquina de lavar e para o setor automobilístico.

No setor de alimentos, destacou o presidente da Sadia, a queda mais substancial no consumo está se verificando no segmento de frangos. "Estamos vendendo menos de 10% em relação ano passado", informou Furlan. Ele ressaltou, porém, que o setor ainda registra aumento de 4% nas vendas. Mas isso só está ocorrendo graças à demanda maior por produtos mais baratos, como mortadela e linguiça. "A falta de dinheiro está mudando os hábitos de consumo da população", disse o empresário, lembrando que os resultados da Sadia estão se mantendo positivos graças, principalmente, ao redirecionamento da produção para o mercado externo.

CONTAS EM ATRASO

Outro fator que deve ser levado em conta para comprovar o processo de retração da economia é o crescimento vertiginoso da inadimplência no setor de telecomunicações. O presidente da Brasil Telecom, Henrique de Souza Neves, disse que os atrasos já atingem 3,5% das contas emitidas pela companhia. Esse índice é 250% maior do que a média histórica do setor. O executivo contou que a inadimplência está concentrada na população de baixa renda, que foi beneficiada pelo valor mais baixo de uma linha telefônica, mas sofre com o peso das faturas mensais no orçamento familiar. Os atrasos resultam em perdas R\$ 17,5 milhões por mês à Brasil Telecom.

O ministro da Fazenda aproveitou o palanque armado ontem na Bolsa de Nova York pa-

ra dar um recado ao governo da Argentina. Ele disse que o governo Fernando Henrique Cardoso não aprova o processo de dolarização da Argentina, que vem sendo proposto por vários economistas, como possível alternativa para o país fugir da crise. "A dolarização de uma economia do porte da Argentina não é viável", destacou Malan. "Há algumas ilhas no Pacífico, como as Ilhas Salomão, e alguns países do mundo, como o Equador, onde a dolarização pode ser feita de forma bem sucedida. Mas dolarizar a Argentina será um equívoco", disse o ministro.

Num tom pouco acima de seu conhecido comedimento, Malan classificou a dolarização de uma economia como um processo sem volta. "Um vez adotada, é definitiva." Na sua opinião, antes de partir para um sistema radical, a Argentina deve buscar soluções para seus problemas. "E o Brasil vai sempre dizer isso", assinalou o ministro, ao assumir que o governo brasileiro não quer abrir mão da possibilidade de, no futuro, o Mercosul — bloco econômico que reúne Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai — adotar uma moeda única. "É nosso interesse que o Mercosul tenha um moeda única, que fluite frente ao dólar, ao euro e ao iene japonês."

Robert Mecea / AP



MALAN (C) E GROS (E) ABRIRAM O PREGÃO DA BOLSA DE NOVA YORK, MAS NÃO DERAM SORTE: AÇOES CAÍRAM 2,39%